DISCURSO

de Recepção do Prof. J. Lasserre, na Abertura do Curso de Extensão Universitária na Faculdade de Medicina de Pôrto Alegre,

Pelo Professor Saint-Pastous

Catedrático de Clínica Médica e Diretor da Faculdade.

Na genése dos problemas biológicos, na sucessão dos acontecimentos históricos e na trajetória dos fenômenos cósmicos, uma lei invariável e imperecível preside a todas essas manifestações da vida do homem e da natureza — a lei eterna do ritmo periódico.

E a história da humanidade demonstra que o progresso e a evolução da ciência obedecem ao mesmo ritmo periódico de criação e renovação, de fluxo e refluxo para o porvir e para o passado.

O estudo da história é, portanto, o único caminho que conduz ao exato conhecimento da vida do homem e de suas civilizações.

Já Augusto Comte consagrara que a história da ciência é a própria ciência, da mesma sorte que “a verdadeira ciência e o verdadeiro estudo do homem é o próprio homem”.

Mas, do homem vivo, acrescenta René Leriche em sua memorável lição no Colégio de França.

E a vida é a afirmação científica da unidade universal.

E a vida do universo, como a do próprio homem, tem a idade desconhecida do tempo.

Que é o tempo? Santo Agostinho respondeu: “Si ninguém me pergunta, eu o sei; mas, si o quero explicar, já não sei mais”.

O tempo biológico tem a duração de uma vida que surge e se extingue entre o berço e o tumulo.

Mas o tempo cósmico, tempo sideral, tem o ritmo periódico da eternidade, porque êle é também um atributo da divindade creadora.

E si a vida do homem e a da natureza se regem pelas mesmas leis, a verdade científica, tanto em biologia como em cosmogonia, deve estar contida nas relações dêsse binômio universal.

Na pesquisa da verdade, em medicina como em todos os setores da ciência, o espírito humano se deve aproximar da natureza e meditar sôbre o esplendor do passado multimilenar.

No precioso acervo das civilizações perdidas na noite evocadora da história, e na aproximação mais íntima e mais humana dos mistérios do cósmo universal, residem as possibilidades de perquirir o futuro e de vislumbrar novas verdades e novas aquisições.

E aquilo que hoje, para nossa presumida vanglória, parece ciência nova e revolução doutrinaria, quantas vezes nada mais é que repetição e atualização de conhecimentos pressentidos e consagrados pelo genio de outras épocas e de outras civilizações.

Obedecendo à periodicidade rítmica de sua evolução, o progresso da ciência médica se tem realizado por etapas ou por épocas.

E à França, Snr. Professor Lasserre, de heróicas e de sábias tradições, tem sido reservado, em todos os tempos, o histórico destino de liderar a evolução da Medicina.

Ainda agora, nestes dias de angústias e de incertezas, em que a humanidade enfrenta a maior crise social da época contemporânea, não é menos esplendorosa e decisiva a influência do espírito francês nas tendências da Medicina.

Ha na vida e na obra dos grandes Mestres da ciência médica, na França de todas as épocas, uma particularidade singular e privilegiada: a de criar e a de renovar.

Esta talvez a razão maior do supremo prestígio da França nos destinos da Medicina, em sucessivos períodos de sua história.

Até a época pitagórica, de que nos chegam apenas vagas ressonâncias, o espírito da Medicina foi essencialmente empírico e fisiologicamente instintivo: a primeira dôr gerou o primeiro remédio, de concepção e de natureza oriundas da magia e das influências cósmicas.

De Hipócrates até nós, a evolução da Medicina, em sua função de arte como em seus designios de ciência, tem seguido o ritmo alternante de tendências para o sentido sintético, dinâmico e humanístico, ou para o sentido analítico e de exclusivo racionalismo material.

Na França contemporânea, opera-se vigoroso movimento de reação contra a sistematização obsidente do princípio analítico e do conceito material, que imperou no século XIX e cujos benefícios e cujos excessos refletiram-se demasiadamente até os primeiros lustros da nossa época.

Com a expressão de neo-hipocratismo designa-se a contra-marcha do pensamento médico para o domínio genérico e unitário da síntese e do humanismo, atualizando e rejuvenesecendo a genial concepção hipoerática da vida do homem e da sua patologia.

Ainda recentemente, René Leriche proclamava no Colégio de França: "Arrastada em um turbilhão vertiginoso de descobertas, a Medicina parece estatelada; inebriada de análises e de novidades, ela aspira por um minuto de síntese. Bem desejaria poder respirar sob os plátanos de Cós. Sem se denunciar, ela tem medo. Sente que a multiplicação das técnicas, o amodagamento de suas mais velhas tradições, lhe fazem correr um perigo, ao qual talvez não possa resistir: o de esquecer ao lado de seus humores, o homem que é seu objetivo, o homem total, ser de carne e de sentimento".

Nos séculos XVIII e XIX, prevaleceu a excessiva tendência ao conceito de análise e ao fundamento organístico e material da vida e da moléstia.

Ao mal dêsse exclusivismo doutrinário, somou-se a crise social e econômica de após a grande guerra, de que resultou, com benefícios e desgraças, materiais e espirituais, a civilização da máquina e da estatística.

Laennec, Claude Bernard e Pasteur, com a era da anatomia physio-patológica, da pesquisa experimental e do agente bacteriano, immortalizaram o século XIX, mas também com a luz de suas descobertas iluminaram o passado e o porvir da Medicina.

Perscrutando as razões da moléstia na lesão do órgão e no insulto funcional, pesquisando na experimentação biológica o sentido fisiopatogênico, apurando a especificidade microbiana na etiopatogenia, Laennec, Claude Bernard e Pasteur, contribuíram, por deplorável incompreensão dos pósteros, para as demasias analíticas da técnica e da matéria no conceito da doença.

E, no entanto, êles tiveram de suas próprias idéias e descobertas uma concepção filosófica, imponderável e humanística, Pasteur afirmando dever "no início das pesquisas experimentais dar a imaginação asas ao pensamento", e Claude Bernard predicando que "a filosofia representa a inspiração eterna da razão humana no conhecimento do desconhecido".

O acrimonioso sarcasmo de Broussais, taxando a obra imortal de Laennec de inspirada na sedução do vago e do insubstancial, é o melhor argumento do senso fisiológico e espiritual do mestre da anatomia-patológica, a quem Grasset considêra um vitalista de genio.

O filósofo de Montpellier resume a história da Medicina francesa do século XIX em uma maravilhosa acumulação de novas e importantes descobertas, com franca evolução do vitalismo filosófico e sintético de Barthez e de Bichat para o vitalismo experimental e analítico de Laennec, Claude Bernard e Pasteur.

Charcot e Pierre Marie, dissecando o tecido nobre do sistema nervoso, alargaram a anatomia patológica aos domínios da fisiologia, rasgando-lhes caminho, com o estudo da acromegalia, para o advento da biotipologia neuro-endócrina.

Trousseau, supremo legatário do espírito clínico de todas as épocas, foi por assim dizer o precursor do sentido humoral da era pasteuriana.

Com Dieulafoy, o dileto discípulo de Trousseau, e que descende, como vós, Professor Lasserre, da secular Universidade de Toulouse, e, posteriormente, com Fernando Widál e sua prestigiosa Escola, a Medicina enveredou dominantemente para o sentido clínico da doutrina patogênica.

Dessas rápidas considerações sobre a ação do genio francês na evolução da ciência médica em o lapso de dois séculos da nossa história, sobreleva-se a tendência ao equilíbrio das resultantes do presente com as do passado, restaurando o ritmo periódico que procura manter íntegro o sentido da verdade através as vicissitudes contingentes do espírito humano.

André Brunel, em recente publicação, reafirma que "o pensamento científico tende a restabelecer o equilíbrio, a realizar harmoniosa síntese entre a tradição hipocrática e pitagórica ou ciência antiga, e a ciência moderna, analítica e de precisão matemática".

Determinar o centro de equilíbrio no movimento contínuo, incessante e por vêses intangível do pensamento humano e da evolução da ciência é, certamente, empresa difícil e temerosa, que só podem cumprir os grandes genios da inteligência.

Nesse ensaio de guardar a harmonia da verdade na ciência que evolue sem cessar, tanto pôde ser contraproducente a táboa rasa iconoclástica da tradição quanto o vêsos inveterado do respeito pela rotina.

De outra parte, não ha progresso e evolução na vida do pensamento com renúncia do espírito de imaginação e de hipótese, sob a sanção, por certo, de todas as disciplinas de pesquisa e de comprovação.

Da lei cartesiana ao terreno experimental da inteligência, sob a inspiração da hipótese razoável, está o caminho para as novas aquisições.

Nicolle repete que os fatos científicos existem antes de sua revelação e que a invenção é uma associação inédita de idéias.

Tenho para mim, Professor Lasserre, que com a morte de Widai coube a René Leriche assumir a liderança do moderno espirito da Medicina em França.

E' a alma do cirurgião que inspira e ilumina o progresso da cultura médica.

Leriche, propondo o signo de Claude Bernard e do humanismo para diretriz da arte cirurgica, rompeu as fronteiras aparentes da clínica e da cirurgia.

Reconhecendo na inteligência o supremo instrumento da pesquisa, êle proclama a necessidade da imaginação e da hipótese como premissas da serena tarefa de investigar e de comprovar à luz dos fatos consumados.

"E' necessário, afirma Leriche, tornar-se antes de tudo sensível receptor do que flutúa de indeterminado em torno de um fenomeno e poder apreender o imponderavel. Uma aguda sensibilidade é necessaria ao homem que pesquisa. E' com os infinitamente pequenos de sua contemplação que ele irá além das cousas modestas sob seus olhos, que êle verá mais longe que os fatos, que êle poderá crear por um instante o mundo novo da imagem donde há de brotar a idéia".

Quem pronunciaria melhor êsses oportunos conceitos de pura e alta filosofia?

Versando a sensibilidade sutil de sua clarividência no terreno da pesquisa em cirurgia, tenho a segurança de que Leriche, com espirito preconcebido ou sem tal cogitação, desvenda os nóvos horizontes da futura evolução da Medicina, como da própria vida, para o sentido da biologia cósmica.

O século XX assistiu o declínio do conceito bioquímico.

A física energética, a física cósmica, o núcleo de Rutherford, transformaram a face da química, equipararam o macrocosmo sideral ao microscomo atomístico da matéria, integraram a vida do homem na vida do universo, confundiram a física e a metafísica e crearam ou, melhor, atualizaram capitulos nóvos e antigos da patologia humana em relação com o meio ambiente: a meteorologia clínica, a cosmobiologia, a climatologia, a sociobiologia.

"A civilização, deduz Carrel, chegada ao começo de seu declínio, discerne agóra as causas de seu mal; ainda estamos mergulhados no mundo que as ciências da matéria inerte construíram sem respeito pelas leis da nossa natureza, mas começamos a distinguir através a bruma da aurora o caminho de nossa salvação".

Laiguel-Lavastine, presidindo em Paris memoravel congresso sobre o neo-hipocratismo, reafirma a genial concepção de Hipocrates sobre o conceito dinâmico individual da moléstia, como fundamento de diagnóstico e de terapeutica, e recorda, nas Artes Técnicas da Saude, de Gaston e Albert Daniel, ser o naturismo a integração dos principios diretores da vida conforme as leis da natureza.

"Esta inteligência, no estado de saude como no de moléstia, permitirá ao médico estabelecer a dietética, a higiene e a terapeutica sôbre as correlações do sêr e do seu meio físico e moral, segundo o preceito de Zenão de Elég: "viver conforme à natureza".

Em verso admiravel da Vida Profunda, canta Me. de Noailles:

Ser na Natureza assim como uma arvore humana,
Extender seus desejos como uma profunda folhagem,
E sentir, pela noite plácida e pela procela,
A seiva universal afluír em suas mãos.

Os supremos mistérios da neuro-endocrinologia, o princípio energético das vitaminas e hormônios, o problema microbiológico do ultravirus, os segredos designios das leis mendelianas no determinismo da hereditariedade, os fundamentos imponderáveis do hormo-sexualismo, a disritmia desconcertante dos centros diencéfalo-neurovegetativos nas diáteses alérgicas, as incógnitas biológicas da imunidade e da especificidade microbiana, o substrato fisiológico das disendocrinias nas psicopatias e na criminologia, as tendências dinâmico-energéticas da terapêutica, são tantas questões de atualidade que mantem o pensamento médico na torturante angústia da dúvida em face da verdade.

Esbogada em parte, e com traços gerais, a visão panorâmica da tumultuária agitação do pensamento médico na hora presente, é bem de avaliar a ansiosa e confiante expectativa do centro médico da Universidade de Porto Alegre em ouvir a palavra e em colher as luzes do eminente embaixador da cultura científica da França imortal.

Saudando, em nome do Governo do Estado, em nome da Universidade de Porto Alegre, e, em particular, da classe médica do Rio Grande do Sul, ao ilustre Professor Jean Lasserre, elevamos a mais delicada sensibilidade de nosso pensamento espiritual em reverência ao renome tradicional e ao prestígio sem par da Escola Médica de França, representada entre nós por destacado expoente da joven geração da famosa Faculdade de Medicina da Universidade de Toulouse.